



QI

Guia da vida contemporânea

O Calendário Pirelli 2018 relê *Alice no País das Maravilhas* com modelos, atores e rappers que Bolsonaro detestaria **62**

Drauzio Varella: quase metade das mortes por câncer se deve ao estilo de vida - cigarro, excesso de peso, dieta **65**

Toulouse, França,
10 de março de 1762,
o suplicio de Calas:
a Justiça tinha partido,
a turba queria sangue



De: Voltaire Para: Sergio Moro

Um caso de injustiça movido a soberba, fanatismo e má-fé. Voltaire fez em prol de Jean Calas o que Zola faria pelo capitão Dreyfus

POR NIRLANDO BEIRÃO



QI/A Justiça injusta

Quando Jean Calas foi submetido ao sádico suplício da roda, o futuro Marquês de Sade era ainda um jovem cadete lutando pelo seu país na Guerra do Sete Anos. O sadismo, como se vê, precedeu a Sade – e a ele sobreviveu sem trégua, como demonstra no século XXI a fina flor da Lava Jato.

O ano era 1762 e a cidade, Toulouse, no sudoeste da França. A punição extrema no velho garrote da Inquisição deu-se porque o dito Jean Calas rezava por outra cartilha que não a do *establishment* local. Ele e sua família eram protestantes em terra de católicos.

Fazia mais de século e meio que o rei Henrique IV abjurara o credo huguenote e se convertera ao cristianismo de Roma para salvar-lhe o trono (“Paris vale bem uma missa”), mas tratou depois de, com o Édito de Nantes, de 1598, ao mesmo tempo que aceitava o *fait accompli* do catolicismo como religião do Estado, decretar a liberdade de culto para os demais credos, a começar pelos perseguidos discípulos de Lutero. Na prática, a teoria foi outra. Até que Luís XIV, em 1686, revogou o Édito de Nantes e fez do catolicismo religião do Estado.

O pretexto para a condenação de Calas, mais de século e meio depois do Édito de Nantes, foi macabro: seu filho mais velho, Marc-Antoine, de 29 anos, apareceu morto, na noite de 13 de outubro de 1761, e, numa antecipação do que viria a se chamar *lawfare*, as autoridades locais manipularam na opinião pública a sua propensão à intolerância, e vice-versa, de forma a se montar a versão segundo a qual a vítima tivera no pai e na família seus algozes mortíferos. Ao longo da operação farsa a jato, disseminou-se que Jean Calas se irritara com a decisão do filho de se redimir nos braços da Santa Madre Igreja de Roma. Inconformado, matou o próprio filho.

Não era essa a narrativa da tragédia na voz dos Calas. A família morava no andar de cima da loja onde Jean e a mulher, Ana Rosa Cabidel, negociavam tecidos de algodão e chitas da Índia, à Rue des Filatiers, 16 – a grande artéria do comércio de Toulouse. Os Calas tinham seis filhos, quatro rapazes e duas moças.

Naquela noite, além do pai e da mãe, só estavam em casa Marc-Antoine, seu irmão Pierre, a criada e um jovem amigo da família, filho de um famoso advogado local. O cadáver foi encontrado no armazém atrás da loja por Pierre, quando ele, de vela na mão, desceu para acompanhar o amigo até a rua.

Marc-Antoine tinha a gravata amarrada em torno do pescoço e dois sulcos manchados de sangue nos quais os legistas viram sinal de enforcamento ou estrangulamento.

Aglomerada à porta dos Calas, uma multidão de curiosos acompanhou a chegada de um robusto contingente de 40 policiais e a imediata prisão de Pierre.

Os dogmas fazem os homens infelizes. Voltaire desvendou o *lawfare* há 250 anos



Toulouse não dormiu aquela noite, tal era a excitação. Todos os presentes à cena foram ouvidos madrugada adentro. Repetiram unanimemente a mesma história. O procurador achou suspeito. A família tentava proteger Marc-Antoine da humilhação canônica impingida aos suicidas. Ele de fato acabaria sendo enterado com altas honrarias no jazigo dos Penitentes Brancos – uma facção de fanáticos católicos que passou a fazer da vítima um pretexto para sua cantilena truculenta. “Abjuração de heresia”, eram os dizeres no túmulo de Marc-Antoine. Uma multidão abastecida a ódio acompanhou o féretro.

